

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E GÊNEROS – GEPEM

19 a 21 de novembro de 2019

Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT1 - Gênero, identidade e cultura

**TELENOVELAS, GÊNERO, INTERSECCIONALIDADE E RELAÇÕES DE PODER: ANÁLISE
DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NA TV GLOBO¹**

Lorena Esteves²

Camila Leal³

Danila Cal⁴

Universidade Federal do Pará

Resumo

Investigamos as representações de trabalhadoras domésticas em telenovelas da TV Globo, antes e após a promulgação da PEC das Domésticas (66/2012). Analisamos as novelas “Avenida Brasil” (2012), “A regra do Jogo” (2015) e “A Dona do Pedaço” (2019), identificando como são construídas as personagens das trabalhadoras, os contextos sociais, bem como, as relações de poder e questões interseccionais, considerando que as novelas são centrais na tematização das realidades socioculturais brasileiras (HAMBURGUER, 2011). Como aporte teórico, trabalhamos com mídia, gênero e classe (BIROLI; MIGUEL, 2015), interseccionalidade (HOOKS, 2015; DAVIS, 2016; CRENSHAW, 2004) e a situação da mulher na sociedade brasileira (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2015). Os resultados apontam para a reprodução de estereótipos, invisibilidade interseccional e tensionamentos nas relações de poder entre patrões e trabalhadoras.

Palavras-chave: Telenovelas; Gênero; Interseccionalidade; Relações de Poder; Trabalhadoras Domésticas.

¹ Este trabalho possui o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, por meio do projeto de pesquisa “Mídia, debate público e negociação de sentidos sobre o trabalho doméstico” e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, por meio de bolsa auxílio de demanda social.

² Doutoranda do Curso de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA), bolsista Capes. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa) e do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação, Culturas e Resistências na Pan-Amazônia. Email: estevesjornalismo@gmail.com.

³ Estudante do curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsista do Projeto de pesquisa “Mídia, debate público e negociação de sentidos sobre o trabalho doméstico”. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa). Email: leal.jornal@gmail.com.

⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação (FACOM), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa) e membro do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação, Culturas e Resistências na Pan-Amazônia. Email: danilagentilcal23@gmail.com.

Abstract

We investigated the representations of domestic workers in soap operas by TV Globo, before and after the promulgation of PEC Households (66/2012). We analyzed the soap operas “Avenida Brasil” (2012), “A Regra do Jogo” (2015) and “A dona do pedaço” (2019), identifying how the domestic workers are built, the social contexts, as well as the relationships of power and intersectional issues, considering that soap operas are central in the thematization of Brazilian sociocultural realities (HAMBURGUER, 2011). As a theoretical contribution, we work with media, gender and class (BIROLI; MIGUEL, 2015), intersectionality (HOOKS, 1984, 2015; DAVIS, 2016; CREENSHAW, 2004) and the situation of women in Brazilian society (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2015). The results point to the reproduction of stereotypes, intersectional invisibility and tensions in the power relations between bosses and workers.

Keywords: Soap operas; Gender; Intersectionality; Power relations; Domestic workers.

Introdução

A PEC das Domésticas (PEC 66/2012) foi resultado da árdua luta e reivindicação de um grupo subalternizado desde o Brasil-Colônia: as mulheres, sobretudo, mulheres negras. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2015, 88,7% das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) entre 10 e 17 anos no Brasil eram meninas e 71% eram negras(os). Em 2016, o Brasil tinha 6,158 milhões de trabalhadoras(es) domésticas(os), dos quais 92% eram mulheres⁵. Até chegar a sua forma definitiva em 2016, garantindo todos os direitos previstos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que desde sua consolidação em 1943 excluiu a classe trabalhadora doméstica, foi um longo caminho de lutas por reivindicações mínimas de direitos, como por exemplo o direito ao aviso prévio, depois de um período de prova de seis meses, instituído pelo decreto-lei nº 3.075 de 27 de fevereiro de 1941 (PALUDETTO, 2017, p.151).

Uns dos marcos da reivindicação foi a Lei nº 5.859 de 1972 que reconheceu o trabalho doméstico como função e estabeleceu a assinatura da carteira profissional para a categoria e também a Constituição Brasileira de 1988 que trouxe benefícios como assegurar aos (às) trabalhadores(as) domésticos(as) o direito a salário mínimo, 13º salário, repouso semanal remunerado, férias, licença maternidade e aposentadoria. Mas só recentemente Com a Lei Complementar 150/2015, foi possível chegar à uma equiparação entre as demais categorias (PALUDETTO, 2017, p. 182) validada em 2016 pela presidenta Dilma Rousseff.

Ainda que no papel tudo esteja regulamentado, no cotidiano a realidade é outra. Segundo a OIT, no Brasil apenas um terço das trabalhadoras(es) domésticas(os) possuem carteira assinada. A relutância

⁵ Disponível em: PNAD Contínua Trimestral do IBGE. Organização internacional do trabalho. <<https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-domestico/lang--pt/index.htm>>. Acesso em: 08 Nov 2019.

na garantia de direitos para um grupo majoritariamente feminino que tem como profissão o trabalho doméstico, visto também como trabalho feminino e que se consolidou sob a base de um pensamento escravocrata e a insistente subalternização sob a qual esse grupo ainda é colocado mostra a necessidade da discussão sob a perspectiva de gênero e sobretudo racial, que edifica seu sistema político brasileiro a partir de um pensamento machista e eurocêntrico, colocando o homem superior à mulher e o branco superior ao negro.

A trabalhadora doméstica na sociedade brasileira

Para compreender a condição da mulher trabalhadora na sociedade brasileira, é necessário entender o processo de colonização do território, baseado na exploração de recursos, racialização, escravização e construído, segundo a pesquisadora dominicana Ochy Curiel (2007), com base na homogeneização, a partir de uma perspectiva eurocêntrica, ou seja, adotando um padrão de cultura eurocêntrico, patriarcal e generificado.

Para justificar esse processo, criou-se uma ideologia da mestiçagem que propunha a reprodução “entre raças” com o objetivo de “melhorar a raça” (CURIEL, 2007). Porém, para Curiel (2007), esse discurso de suposta democracia racial que muitos intelectuais instalaram como matriz civilizatória, tem sido uma ideologia de dominação para manter as desigualdades entre brancos, indígenas e negros/as, mesmo após a descolonização do Brasil.

De acordo com Curiel (2007), a ideologia da mestiçagem se criou com base na exploração e violação de mulheres indígenas e negras, o que a intelectual negra brasileira, Lelia Gonzalez, chamou de estupro colonial, por meio do qual as mulheres negras e indígenas foram objetificadas e escravizadas para satisfazer o apetite sexual dos homens brancos e assegurar a “mistura das raças”, em uma política de branqueamento.

As heranças do colonialismo e da escravização - o sexismo, o patriarcalismo, o racismo e o capitalismo em suas formas atualizadas - repercutem estruturalmente nas relações sociais e instituições, permanecendo no cotidiano da sociedade brasileira (CARNEIRO, 2011). Esse processo histórico nos ajuda a compreender as bases das desigualdades de gênero, raça e classe.

Segundo Biroli e Miguel (2015), “o sexismo, atualizado cotidianamente na forma da divisão sexual do trabalho e da dupla moral sexual, impacta as mulheres, mas as impacta de formas diferentes, em graus variáveis e com efeitos que precisam ser analisados contextualmente” (p. 40). As identidades de raça e classe são fatores fundamentais que demarcam as diferenças “em qualidade de vida, status social e

estilo de vida que prevalecem sobre a experiência comum que as mulheres partilham” (HOOKS, 1984, p. 4).

Em outras palavras, a opressão de gênero é comum a todas as mulheres, mas na conjugação com as intersecções de raça e classe, são produzidas hierarquias que colocam mulheres negras em posição de maior desvantagem (SAFFIOTI, 1987; CARNEIRO, 2011; GONZALEZ, 1984). O trabalho doméstico é um caso exemplar da conjugação da discriminação interseccional: a força de trabalho é recrutada entre mulheres, as quais geralmente provêm daquelas camadas mais pobres e com índices menores de escolaridade, características sobrepostas por uma forte marca de racialização (BRITES, 2013, p. 428).

Lélia Gonzalez (1984), ao falar, na década de 1980, sobre o lugar da mulher negra na cultura brasileira, identifica três representações, oriundas do processo de escravização/colonização: a mulata, a doméstica e a mãe-preta. Lélia explica que o mito da democracia racial exerce sua violência simbólica de forma especial sobre a mulher negra. Ela explica que no período do carnaval, a mulher negra transforma-se na mulata “rainha do samba”, “deusa da Marquês de Sapucaí”, fora desse período é a doméstica. A mulata e a doméstica são figuras provenientes da mucama (a escrava que era vista como prestadora de bens e serviços, entre eles, os sexuais).

“Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano” (GONZALEZ, 1984, p. 230). A outra figura da negra na sociedade brasileira é a mãe-preta, vista pelos brancos como exemplo de amor incondicional pelos filhos das mulheres brancas. Lélia, no entanto, afirma que elas são simplesmente as mães, afinal, são elas que dão banho, limpam cocô, colocam pra dormir, ensinam a falar e a outra é a branca que pariu os filhos do senhor. A mãe-preta, portanto, passou os seus valores para a criança brasileira e essa criança é a dita cultura brasileira que, segundo a autora, fala o “pretuguês”.

Essa sociedade brasileira vive, segundo Gonzalez (1984), uma neurose cultural, neurose porque nega os sintomas do racismo e do sexismo, acreditando em uma suposta democracia racial e, com isso, nega aos negros - a mulher, seus irmãos, pai e filhos - o estatuto de “sujeito humano”, trata-os como objeto e isso repercute em todos os âmbitos sociais, são alijadas/os de sua intelectualidade, desrespeitados em seus direitos básicos, segregados socialmente por uma divisão racial dos espaços.

Lélia afirma que desde a época colonial até os dias de hoje, há uma evidente separação dos espaços físicos entre brancas/os e negras/os. O lugar do grupo branco são moradias saudáveis, situadas em belos recantos da cidade ou do campo, cercadas por policiamento. Já o lugar do negro é o oposto: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais”, os quais também têm a presença de policiamento, mas, no intuito de reprimir e amedrontar (1984, p. 232).

O lugar ocupado pelas trabalhadoras domésticas reflete essa lógica. Estudos do arquiteto e antropólogo Alecsandro Ratts (2003, citando Lemos, 1976) demonstram que os porões semi-habitáveis, as dispensas e as cozinhas eram os espaços nos quais as mulheres trabalhadoras domésticas dormiam. Ratts também fala do surgimento das edículas, casas pequenas, construídas no fundo da casa principal destinadas às empregadas no período pós-abolição.

É comum observarmos que essas lógicas se reproduzem por meio da mídia. “Nas novelas, nas peças de teatro, as trabalhadoras domésticas são, quase sempre, representadas por atrizes negras” (SAFFIOTI, 1987, p. 53). A propaganda também contribui para perpetuar estereótipos sobre as mulheres pobres e racializadas (CRENSHAW, 2002, p. 178).

Contextualizando a telenovela como representação e construção da sociedade,

A telenovela, ao mesmo tempo que se trata do principal fenômeno social e elemento central na construção do cenário de representação política, também articula esta dimensão política ao cotidiano, pois trata-se de uma história ficcional centrada em tramas do cotidiano das personagens. As identificações/projeções que o público constrói a partir das personagens/valores apresentados pelas telenovelas implica na absorção de modelos de comportamentos políticos e posturas em relação aos conflitos propostos pelas telenovelas. No caso das relações raciais, a telenovela, longe de negar a existência do racismo, apresenta diversos modelos de comportamento – que implica em formas de absorção, enfrentamento e transcendência” (OLIVEIRA, PAVAN, 2004, p.07).

Não obstante o fato de que muitos temas de importância social podem aparecer como pano de fundo de diversos enredos ficcionais, muitas vezes, não há a “tentativa de enfrentamento de determinada questão”, O tema de importância social serve apenas como recurso dramático, como aspecto de composição de um dos personagens, não há “qualquer tentativa de evidenciar e trabalhar tal tema na dimensão social” (OLIVEIRA, PAVAN, 2004, p. 10).

Com base no exposto, escolhemos analisar as novelas “Avenida Brasil” (2012), “A regra do Jogo” (2015) e “A Dona do Pedaço” (2019), identificando como são construídas as personagens das trabalhadoras, os contextos sociais, bem como, as relações de poder e questões interseccionais, considerando que as novelas são centrais na tematização das realidades socioculturais brasileiras.

Objetos analisados: novelas Avenida Brasil, A Regra do Jogo e A Dona do Pedaço

Sabendo que o trabalho doméstico no Brasil é um retrato do sistema político brasileiro, surge então o objetivo deste trabalho: Analisar as relações de poder, interseccionais e raciais que perpassam a

questão do trabalho doméstico nas telenovelas brasileiras a fim de identificar como se dá o debate a respeito do trabalho doméstico em períodos distintos e decisivos na reivindicação dessa classe trabalhadora, sabendo que as telenovelas, como tantos autores relatam (FARIA; FERNANDES, 2007; MOTTER; JAKUBAZKO, 2007; RONDELLI,1997; OLIVEIRA; PAVAN, 2004; BORGES,2007; LOPES, 2002; HAMBURGER, 2011), são um retrato sociocultural brasileiro e também contribuinte para a construção de novas realidades.

Para tanto, vamos partir da metodologia da ingenuidade consentida, proposta por Motter e Jakubaszko (2007), que consiste em pensar, sentir e ver a telenovela pela perspectiva do telespectador-observador, como num processo de pesquisa da observação participante (p. 57).

Foi feita a análise das três novelas da Rede Globo, por ser a campeã de audiência televisiva, estando elas situadas nos seguintes períodos históricos brasileiros, relacionados à PEC: “Avenida Brasil”, quando iniciou o debate a respeito da PEC das Domésticas (66/2012); “A Regra do Jogo”, de 2015, quando a discussão sobre trabalho doméstico estava em alta, com a Lei complementar 150 e “A Dona do Pedaço”, de 2019, por ser a mais atual e num período posterior a discussão das domésticas.

Para termos entendimento maior a respeito das personagens, além das descrições das novelas catalogadas nos sites Memória Globo, Gshow e Teledramaturgia, Analisamos as cenas das empregadas disponíveis no Globo Play, site que disponibiliza as obras produzidas pela Globo, dentre outras. A busca foi feita a partir das palavras-chave: “Nome da empregada - Novela”, onde conseguimos catalogar e assistir 26 cenas de a Dona do Pedaço; 45 cenas de Avenida Brasil; 13 cenas de A Regra do Jogo. Além do Globo Play procuramos também no Youtube.

Enredo das novelas

Avenida Brasil (2012) conta a história de uma jovem que, desde os 11 anos, planeja um acerto de contas com a madrasta. Rita, órfã de mãe, era criada, com muito amor, pelo pai Genésio. Tudo muda quando ele se casa com Carmen Lúcia, a Carminha, uma mulher ambiciosa e dissimulada. Com Genésio, ela se passava por esposa doce e dedicada; com Rita, era uma madrasta má⁶.

A Regra do Jogo (2015) narra a história de Romero Rômulo, um bandido que finge ser herói do povo. Ele integra a maior facção criminosa do país. Apesar de enganar as pessoas, o mau-caráter é ludibriado por Atena estelionatária com quem vive um relacionamento conturbado. A trama gira em torno

⁶ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/avenida-brasil.htm>>. Acesso em: 09/11/2019.

de um crime não solucionado, uma chacina, que envolve todo o elenco principal. Os efeitos da chacina movem a trama que também fala de virgindade, traição e violência doméstica⁷.

Em *A Dona do Pedaco* (2019) Maria da Paz vem de uma família de justiceiros profissionais, os Ramirez, da cidade de Rio Vermelho, Espírito Santo. Desde pequena ela gosta de fazer bolos, essa rotina a seduz mais do que as atividades impostas pelo pai, Ademir, que quer transformá-la em uma justiceira. Ela acaba se apaixonando por Amadeu, advogado formado em Vitória, porém membro do clã rival nos negócios dos Ramirez, os Matheus. Seu romance é impedido pelas famílias que não aceitam e provocam uma tragédia que acaba com o casal impedido de ficar juntos e as sobrinhas de Maria sequestradas. Ela começa uma nova vida com a promessa de reencontrar as sobrinhas e grávida de sua filha Josiane, que diferente da mãe tem um caráter duvidoso⁸.

Categorias de Análise

Objetivando identificar como se deu a trama em torno das empregadas das novelas, possíveis estereótipos de gênero, raça e classe que colocassem as trabalhadoras domésticas em posições de subalternidades, foram analisadas as personagens Zezé e Janaína, *Avenida Brasil*; Dinorah e Conceição, de *A regra do Jogo*; e Edilene, *A Dona do Pedaco* sob as categorias : a) A construção das personagens, para identificar quem são, onde moram, qual a história dessas personagens; b) Interseccionalidade, para identificar como são abordados os sistemas discriminatórios que criam desigualdades que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes; c) Relações de Poder, para identificar as tensões entre empregadas e patrões e de que maneira se dá, qual discurso é reproduzido nas novelas.

⁷ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-regra-do-jogo.htm>>. Acesso em: 09/11/2019

⁸ Disponível em: <<http://teledramaturgia.com.br/a-dona-do-pedaco/>>. Acesso: 09/11/2019.

Quadro 1 - Imagem das personagens analisadas

<p data-bbox="310 296 688 327">Janaína e Zezé - Avenida Brasil</p> 	<p data-bbox="967 296 1273 327">Dinorah - A regra do jogo</p> 
<p data-bbox="332 848 665 879">Conceição - A regra do jogo</p> 	<p data-bbox="956 848 1284 879">Edilene - A dona do Pedaco</p> 

Fonte: Gshow.com.

a) A construção das personagens

A partir das informações coletadas nos sites memória Globo e Teledramaturgia e, com base nas sequências das cenas observadas no Globo Play, foi possível elaborar um resumo das personagens, com mais detalhes da história de cada uma: Zezé, Janaína, Edilene e Dinorah, porém não foi possível identificar maiores características sobre a história de Conceição, por não ter grande participação na trama.

Janaína (Avenida Brasil) trabalha na casa de Tufão há anos na esperança de dar um futuro melhor para o seu filho, Lúcio, aguentando, inclusive, os maus tratos de Carminha. Porém, tudo muda quando descobre que a patroa seduziu seu filho e o está utilizando para acobertar seus crimes.

Zezé (Avenida Brasil) é a outra empregada da mansão de Tufão. É muito fiel a sua patroa Carminha, embora a trate mal na maioria das vezes, criticando os seus serviços. A participação de sua personagem na novela se resume ao que a família de Tufão está fazendo ao longo da novela. Ela serve de ponte para o drama principal. Costuma fazer o sinal da cruz e pedir ajuda a Deus quando a patroa está de mal humor. Inclusive, Carminha já chegou a mandar a doméstica ir fazer as compras rolando, em referência ao sobrepeso de Zezé.

Zezé e Janaína estão juntas na maioria das cenas. Vivem falando da vida dos patrões. Janaína é fofoqueira assim como Zezé, contudo possui sua própria história, seu amor por Lúcio, seu filho e o medo de que ele acabe se desvirtuando, principalmente a partir do momento em que se apaixona por Carminha. Ao final da novela Zezé continua trabalhando para a família e Janaína vai embora com o filho Lúcio.

Dinorah (A regra do jogo) é a empregada de Feliciano e trabalha na cobertura do patrão há anos sem ser paga. É a empregada que destoa das outras já analisadas. Por não ser paga, Dinorah age como qualquer outro membro da família, senta e assiste tv, dá sua opinião sobre a vida dos patrões e é bastante debochada. Não usa farda. A relação entre ela e Feliciano é outro fator interessante, porque ambos demonstram ter um carinho muito grande um pelo outro. Ela faz questão de fazer as coisas para ele e ele a trata de maneira carinhosa, chamando-a de querida, várias cenas mostram os dois jogando baralho, xadrez, enquanto conversam.

A história de Dinorah se passa toda entre o núcleo familiar dos patrões e o ponto alto da sua trajetória é quando finalmente o patrão paga os salários atrasados. Mesmo ficando rica, ela prefere continuar a ser empregada. Foi a única novela que retratou de maneira bem aberta a importância e os direitos e benefícios que as empregadas têm assim como qualquer outro trabalhador de carteira assinada. Apesar do papel, Dinorah não chega nem a ser citada entre os personagens no portal memória globo.

Conceição (A regra do jogo) é a empregada da mansão Stewart. É casada com Nonato, o motorista da família para quem trabalha. Descobre que ele teve um caso com uma das patroas, mas perdoo. Aparece pouco na trama, por isso não foi possível identificar muito a respeito da trabalhadora. Diferente de Dinorah, que tinha seu núcleo fixo e aparecia na maioria dos episódios, seu ponto alto de participação na novela é quando revela que seu marido é pai dos filhos da patroa, porque a patroa está a ponto de se casar. Aparentemente, ela não podia contar, porque estava sendo chantageada pelo noivo da patroa. Ela é branca e usa uniforme.

Edilene (A dona do Pedaco) é uma jovem pobre filha do motorista Cosme, que trabalha na casa de Otávio e Beatriz, uma família rica. Ela teve a oportunidade de trabalhar como empregada na casa dos patrões do pai, que fica emocionado por ter a filha perto de si. Porém Otávio, velho rico que figura a imagem do homem mulherengo, fica interessado pela beleza da jovem de 21 anos e começa a trocar olhares com ela. No início, ela fica receosa, mas acaba cedendo e se torna amante do patrão. Ela gosta dele, mas mais que isso, vê nele uma oportunidade de deixar de ser pobre e mudar de vida. Acredita que dar um filho para ele o fará largar a esposa e ficar com ela. Ela sempre encontra com ele em motéis e enquanto ele toma banho fura as camisinhas. Até que fica grávida. Quando conta para ele não recebe a reação que esperava, ele exige que ela aborte o bebê e ela chora dizendo que não quer, mas acaba cedendo. Depois de pedir indicação à uma amiga, vai a uma clínica clandestina, sofre hemorragia e morre no hospital. Seu patrão esconde de todos sua participação na morte da moça.

Para visualizar a importância das personagens na trama, tentamos identificar o caráter pedagógico das telenovelas proposto por (LAROSSA, 1999) e discutido por (MOTTER; JAKUBASZKO, 2007).

Ora, se a telenovela é mais um dentre os diversos discursos que povoam a realidade e se ela, enquanto gênero, apóia-se no cotidiano, deve-se lembrar que, como este, ela desdobra-se em múltiplos discursos. O que mais interessa neste momento é o discurso de caráter pedagógico. Entretanto, faz uma ressalva, uma distinção entre dois tipos possíveis de encarnação do logos pedagógico. O primeiro seria aquele que convida o leitor à reflexão. Quando o diálogo é um convite ao pensar, leva o leitor a uma experiência, uma vivência, que se realiza em última instância como aprendizagem e transformação. O segundo, ao contrário, assume uma forma monológica, unívoca e dogmática, de maneira a fechar qualquer possibilidade de reflexão, portanto, de transformação (MOTTER; JAKUBASZKO, 2007, p. 58).

A partir desse caráter pedagógico, é possível visualizar que a personagem Edilene, leva à reflexão sobre o tema “aborto” e Dinorah o tema dos “direitos trabalhistas das domésticas”, mas esses temas são trabalhados na novela a base de reprodução de estereótipos de raça e classe e gênero, que pouco são trabalhados como temas centrais. Por exemplo, trabalhar a questão racial entre Zezé e Carminha implicaria numa mudança da personagem Zezé e o enfrentamento da empregada com Carminha, pela forma como a patroa a trata, mas isso não acontece em nenhum momento da novela.

Ao observar as personagens e suas histórias, de forma geral, pode-se compreender que a vida delas geralmente gira em torno da trama dos patrões. A personagem Dinorah, por exemplo, tem sua trajetória de vida invisibilizada, parece não ter família, nem amigos, o mesmo acontece com Zezé. Quando ganham destaque, há algum fato ligado à história dos patrões. Ou seja, elas não têm história própria, vivem em função dos personagens principais.

Quanto às questões de direitos, há invisibilização da temática nos discursos das novelas. A temática é abordada num único episódio de A Regra do Jogo, com Dinorah em que seu chefe finalmente paga seus salários atrasados, explicando ao que equivale cada pacote. Feliciano está no quarto da empregada com pacotes de dinheiro na mão e diz, “Então aqui está: 2002, esse é o décimo terceiro de 2003, 2004, 2005, 2006. Tá tudo aqui. Agora tem as férias atrasadas de cinco anos, quatro anos! 2007, 2008, 2009, 2010. Isso aqui é férias, não confunde. E aqui tem as horas extras que eu não te pago há tanto tempo. Você pode conferir que estão todos os recibinhos aqui”, diz Feliciano. Dinorah emocionada responde, “Não precisa de hora extra não seu Feliciano!”. Ele diz, “Claro que precisa, pelo amor de Deus. Depois você vai me processar **porque a lei das domésticas manda pagar as horas extras**. Agora, presta atenção que aqui eu retirei do banco só para você vê que o dinheiro existe. Ficou com o olho arregalado, sabe o que é que é? Isso tudo aqui é fundo de garantia. Agora isso vai ficar comigo, porque eu vou depositar no banco, fica tranquila. E agora tem uma coisinha aqui é o mais importante. Teu salário atrasado de todos os anos que você trabalhou aqui em casa. Tá tudo contado.

Em momentos pontuais, o assunto é tratado na novela A dona do Pedaco, sem grandes tensionamentos, como no caso da patroa de Edilene (Avenida Brasil) que fala que seus empregados tem um bom convênio, devido ao fato de Edilene estar passando mal. E em outro momento o pai de Edilene questiona que ela tem trabalhado muito, mas ela responde dizendo que a patroa paga hora extra. O tema não é tratado em Avenida Brasil. Atréamos a discussão sobre o trabalho doméstico na novela “A regra do Jogo” à grande repercussão da discussão do tema em pauta no ano de 2015 e 2016, como pode ser visto no quadro:

Quadro 2 - Dados gerais das novelas analisadas e repercussão da PEC no período

Novela	Direção	Ano	Repercussão da PEC no período
Avenida Brasil	João Emanuel Carneiro	26/03/2012 - 20/10/2012	Emenda Constitucional nº 66/2012 - Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e demais trabalhadores urbanos e rurais.
A regra do Jogo	João Emanuel Carneiro	31/08/2015 - 12/03/2016	Lei Complementar 150 -Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. Alguns benefícios : Adicional noturno, FGTS, Indenização em caso de dispensa sem justa causa, seguro - desemprego, salário - família, auxílio creche e pré escola, seguro contra acidentes de trabalho.

A dona do Pedaco	Walcyr Carrasco	20/05/2019 - Presente	Sem discussão
------------------	-----------------	-----------------------------	---------------

Fonte: Autoria Própria.

A partir da análise, percebe - se que não há entre as personagens o que Motter e Jakubasko (2007) chamam de “tematização”, que seria “quando uma telenovela tematiza uma questão de importância social, quer dizer que ela assume a discussão de determinado tema de modo frontal, ocupando ele grande espaço e importância dentro da trama; torna-se, durante toda a telenovela, ou em grande parte dela, o foco central. Nesta categoria podemos ter certeza da existência de uma temática dentro da ficção. Às vezes pode estar numa trama secundária, mas percorre toda a duração da narrativa, sendo discutido com propriedade pelo autor” (2007, p. 61).

As novelas não assumem caráter pedagógico em relação às empregadas, com exceção de Edilene e o tema do aborto. As personagens são secundárias, destituídas de uma discussão mais profunda a respeito de suas posições na sociedade e identidades enquanto mulheres e mulheres negras, principalmente enquanto trabalhadoras domésticas, trabalho que deixa aparente as distinções de classe, raça e gênero continuamente perpetuadas nas novelas, que quase sempre as colocam numa posição de subserviência aos patrões e patroas e não as tratam como indivíduos com vida e histórias próprias que vão para além da casa dos patrões.

b) Interseccionalidade

Para não correremos o risco de trabalhar de forma monocategorial, com a categoria genérica de mulher e homogeneizar diferentes experiências, ou mais arriscado ainda, tomar como referência as mulheres brancas e ocidentais, utilizamos a interseccionalidade como um dos critérios de análise. Compreendemos que a discriminação contra as trabalhadoras domésticas, especialmente no Brasil, é interseccional (HIRATA, 2016; BIROLI, MIGUEL, 2015; DANTAS, 2016). As experiências de opressão, especialmente quando estamos falando de mulheres negras, não podem ser enquadradas separadamente, ou seja, serem mutuamente exclusivas (GONZALEZ, 1984; DAVIS, 2016; HOOKS, 1984, 2015).

Segundo Kimberlè Crenshaw (2002), a interseccionalidade refere-se a associação de sistemas múltiplos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as

posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. “Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (p. 177).

As trabalhadoras domésticas sofrem o que Crenshaw (2002) denomina de discriminação estrutural, pois são as mais afetadas pelas políticas governamentais, em decorrência da sua posição na estrutura socioeconômica. Na ausência do Estado para atender as demandas de saúde e cuidado, são as mulheres, sobretudo as negras, que se veem forçadas a assumirem serviços que deixam de ser prestados, como o de cuidar de idosos, doentes e crianças.

Na análise das novelas, podemos observar que as questões de gênero, raça e classe se atravessam, repercutindo estereótipos que recaem diretamente sobre as trabalhadoras domésticas. Todas são mulheres, a maioria é negra e oriunda de classes menos abastadas, conforme quadro abaixo.

Quadro 3 - Marcas de intersecção das personagens

Personagem	Cor		Uniforme
	Branca	Negra	
Zezé		x	sim
Janaína	x		sim
Dinorah		x	não
Conceição	x		sim
Edilene		x	sim

Fonte: Dados da pesquisa.

Os estereótipos de gênero, raça e classe evidenciam-se fortemente na escolha das personagens, todas mulheres, reproduzindo uma divisão sexual e racial do trabalho que, segundo Brites (2000) e Biroli e Miguel (2015), é fruto de uma desigualdade ontológica entre homens e mulheres, ativando restrições e desvantagens pautadas pela diferenciação sexual e racial.

A objetificação sexual é outro marcador de estereótipos encontrados, por exemplo na personagem da Edilene que se relaciona com o patrão Otávio. Em diálogo, Otávio exige que Edilene interrompa a gravidez, porque não quer destruir sua família e ela questiona o que vai ser na vida dele “uma empregadinha que você transa todo dia?” (A dona do pedaço, episódio 14/06/19), reiterando a condição

histórica de mulheres, sobretudo as domésticas, como escravas sexuais, que estão sexualmente disponíveis (GONZALEZ, 1984).

A temática do aborto, tratada em *A dona do pedaço* também é um marcador de gênero, classe e raça. Edilene engravida de Otávio, seu patrão, e ele a obriga a abortar, mobilizando o poder que exerce sobre ela e seu corpo, como fica claro no capítulo em que ele diz que arranja um carro, um flet, uma boa mesada para ela, mas ela recusa. Ele diz que depois que a Vivi [sua filha] casar, eles se resolvem, manda ela “pegar” o dinheiro e “consertar a situação”. Ela diz “e se eu não quiser consertar?”, ele diz “eu vou ficar muito bravo com você”, ela chora e diz que não quer tirar o filho, mas, acaba realizando o procedimento e morre. A trama mostra que o aborto continua acontecendo, a partir das clínicas clandestinas, e matando mulheres. A novela trouxe à tona a discussão da legalização do aborto, que é um tema caro às militantes feministas, especialmente as negras, por defenderem que são as mulheres negras e pobres as maiores vítimas de mortalidade em procedimentos clandestinos (CARNEIRO, 2003).

Sobre a questão racial, evidencia-se em vários momentos, a começar pelo fato de a maioria das personagens ser negra (Zezé, Dinorah e Edilene), reproduzindo um estereótipo social que as subalterniza e as coloca em condição de trabalhadoras braçais, alijadas de intelectualidade e restritas a serviços considerados de menor valor, assim como, naturaliza a divisão sexual/racial do trabalho (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2003; DAVIS, 2016).

Dinorah (*A regra do jogo*) é um exemplo de reprodução de estereótipos sociais, pois, é uma mulher negra que, apesar de não ser paga pelo patrão, um homem branco, se mantém submissa a ele, chegando inclusive a dispor de recursos próprios para atender a regalias do patrão, como comidas e bebidas caras. Apesar de ter condições econômicas, ela se mantém submissa ao trabalho, demonstrando que aquele era o “lugar natural” daquele corpo negro ocupar, o papel de servir.

Em contraposição, todos os padrões, nas três novelas são brancos, reproduzindo um imaginário social de superioridade branca, demarcando lugares sociais hierarquizados. Importante ressaltarmos neste espaço que *A regra do Jogo* e *Avenida Brasil* são do autor João Emanuel Carneiro e *A Dona do Pedaço*, de Walcir Carrasco. Os três autores são homens e brancos, um indício de falta de representatividade de gênero, raça e classe em espaços de poder e tomadas de decisão, como são os ocupados pelos autores das novelas e que se refletem na reprodução de estereótipos nos personagens.

A classe é uma categoria que emerge em diversas situações nas novelas, não no sentido do enfrentamento de um imaginário social constituído, mas, mais uma vez reproduzindo estereótipos. Com base na análise, algumas cenas entre as patroas e as empregadas também deixam clara a mensagem da superioridade entre ricos e pobres. Por exemplo, quando Janaína (*Avenida Brasil*) passa a falar com Carminha da mesma forma que a patroa fala com as empregadas, Carminha é desmoralizada e humilhada por

sua posição, como se Janaína não fosse boa o bastante para que ela se desse ao trabalho de dar ouvidos ao que a empregada estava falando.

Quanto à moradia, todas as personagens reproduzem o imaginário social do status de uma pessoa de classe baixa. Zezé, Janaína e Conceição moram em bairros de periferias nas favelas e quando não estão de uniformes, vestem roupas simples. Dinorah e Edilene moram na casa dos patrões onde possuem um pequeno quarto para si. Enquanto seus patrões moram em mansões ou grandes casarões, como o caso dos patrões de Edilene, Zezé, Janaína e Conceição e coberturas luxuosas como os patrões de Dinorah. Essa distinção de espaços reitera a evidente separação dos espaços físicos entre brancos e pretos, ricos e pobres (GONZALEZ, 1984), reafirmada pelas novelas que continuam naturalizando essas distinções de classe e raça.

O uso do uniforme, marca de diferença e desigualdade em relação aos patrões (DANTAS, 2016), foi utilizado por 4 das 5 personagens. O uniforme demarca que aquele corpo que circula pelos espaços da casa não faz parte do cenário, é externo a ele, transita por entre os cômodos com a finalidade de estar em serviço. Sinaliza uma diferença de classe social. “Marcadas pelo uniforme, pelo ‘quarto de empregada’, ou pelos espaços em que circulam e utilizam da casa percebemos a dinâmica do trabalho e a desigualdades das trabalhadoras em relação aos patrões (DANTAS, 2016, p. 136-7).

Observa-se, com base neste critério, a reprodução de estereótipos e invisibilidade interseccional (CRENSHAW, 2002), universalizando e naturalizando a divisão sexual/racial do trabalho doméstico, que hierarquiza as relações sociais, entre ricos e pobres, homens e mulheres, negros e brancos, subalternizando as mulheres que conjugam a intersecção das opressões.

c) Relações de Poder

Segundo Borges (2007), o uso dos meios de comunicação na modernidade tem possibilitado novas formas de ação, interação e exercício do poder, trazendo implicações para a vida social e política (p. 03). Sabendo que aos negros foram destinados, em sua grande maioria, papéis que representavam posições subalternas ou consideradas de segunda classe pela sociedade, no que se refere a complexidade dos personagens nas telenovelas (ARAÚJO, 2004; FARIA; FERNANDES, 2007, p.11), nesta categoria buscamos identificar como se dão as relações de poder entre empregadas e patroas/patrões. Nesse sentido, buscamos identificar se as novelas estão contribuindo para uma modificação das relações de poder entre empregadas e patrões de maneira mais respeitosa e igualitária ou reproduzindo a relação de poder baseada na desigualdade interseccional?

A partir das cenas das novelas, percebemos que em Avenida Brasil Carminha, a patroa, trata as empregadas Zezé e Janaína em condições análogas às de escravizadas. Zezé, apesar de ser a mais fiel das empregadas, é a que mais sofre maus tratos pela patroa, como em uma cena em que a empregada é obrigada a pegar na tampa de uma panela quente, porque a patroa diz que não precisa de pano para pegar. Mesmo sofrendo tantos maus tratos e escutando coisas terríveis, ela se mantém fiel à patroa, em posição de submissão.

Janaína é branca e Zezé, negra, apesar de as duas serem pobres, fica perceptível como a história de Janaína é mais desenvolvida. Quando não estão na casa dos patrões, Zezé bate a porta da casa de Janaína para contar as fofocas e assim o público fica sabendo que Janaína também possui uma empregada chamada Zumira, negra, que não usa uniforme e que é tratada da mesma forma como Carminha trata Janaína, desferindo palavras grosseiras à doméstica. Porém, Zumira não aceita com passividade, rebate as falas da patroa e fala com ela “de igual para igual”.

As cenas entre as duas, Zumira e Janaína, são tratadas como um dos alívios cômicos da novela. Por trás do humor, a mensagem passada ao público é de que é hilário uma empregada ter outra empregada, utilizando a estratégia da ridicularização para aliviar a temática (GONZALEZ, 1984). Além disso, ainda que não possamos dizer que a intenção do roteirista foi dar destaque à personagem Janaína ou que isso tenha relação com a cor, é perceptível o desenvolvimento da personagem ao longo da história, que até mesmo passa a bater de frente com a patroa, enquanto Zezé permanece a empregada submissa e maltratada pela patroa do início ao fim, até que Carminha seja desmascarada.

Em A Regra do Jogo, é possível perceber um comportamento diferenciado da empregada Dinorah, que responde e trata de “igual para igual” os membros da família para quem trabalha, com exceção de Feliciano por quem aparenta ter muito carinho. Faz tudo por ele, guarda sua comida e cuida de suas roupas. À isso, atrelamos o fato de que Feliciano também a trata bem. Em dado momento porém, Dinorah recebe seu dinheiro, o que a deixa rica, mas prefere continuar como empregada da casa por carinho à família que enxerga como se fosse sua, refletindo relações comuns entre domésticas e patrões, envoltas entre a contradição de tensão e afeto (BRITES, 2000; DANTAS, 2016).

Em a Dona do Pedaco, percebe-se que a família nutre um carinho muito grande por Cosme, motorista da casa e pai de Edilene, a empregada. Em dado momento, se dispõem a custear uma bolsa de estudos para a empregada, também pelo envolvimento com o patrão. Porém, vemos uma decaída com a reprodução do estereótipo da mulher pobre inconformada com sua posição que tenta subir na vida às custas de um relacionamento com um rico.

Após a análise das novelas, fica perceptível que se perpetuam a superioridade do rico sobre o pobre nas três novelas no tratamento de Carminha com a empregada, na objetificação do corpo de Edilene

por Otávio e que recai também na questão da superioridade do branco sobre o negro, quando Dinorah mesmo rica, decide continuar como a empregada da casa de Feliciano.

Segundo (OLIVEIRA; PAVAN, 2004, p.07) “ao avocar para si o espaço dos conflitos político-ideológicos, a mídia se transforma no palco central das representações políticas, que apresentam várias possibilidades interpelativas, mas uma delas se sobressai e se apresenta como hegemônica. A partir das relações de poder analisadas, é perceptível a hegemonia branca e/ou elitista.

A característica de submissão é intrínseca às atitudes das personagens, elas aceitam maus tratos ou ordens, sem questionar, como o caso de Janaína e Zezé com relação aos assédios de Carminha ou Edilene que se submete a um procedimento de aborto por ordem do patrão Otávio. No entanto, em alguns momentos, há sinais de resistência, como a Janaína que a partir de determinado momento da novela, não aceita mais o tratamento de Carminha ou Conceição que revela que seu marido é pai dos filhos da patroa. Fica óbvio também o maior desenvolvimento da empregada branca, que possui uma empregada negra e perpetua até mesmo na classe média baixa o padrão de superioridade do branco sobre o negro. Aqui vê-se também o que (CRENSHAW, 2002) chamou de subordinação estrutural:

Em decorrência da sua boa condição socioeconômica, algumas mulheres conseguem contratar a mão-de-obra de outras mulheres para assumirem esses serviços de cuidados. As contratadas, em geral, são mulheres economicamente marginalizadas, que, por essa razão, são também socialmente marginalizadas, situadas na base da pirâmide socioeconômica. Essas mulheres acabam trabalhando de 18 a 20 horas por dia, cuidando primeiramente de suas famílias e, depois, das famílias e necessidades das patroas. É isso que eu chamo de subordinação estrutural, a confluência entre gênero, classe, globalização e raça (CRENSHAW, 2002, p.14).

Em relação a sociabilidade, observa-se que as trabalhadoras domésticas “devido a essa intensa convivência desenvolveram pelos donos das casas sentimentos de afeto, mas também de mágoa, decorrentes dos arranjos aos quais estavam envoltas que, na prática, misturava relações de afeto e trabalho” (DANTAS, 2016, p. 25). Como podemos observar na relação entre Dinorah, que poderia ter mudado de vida, mas permaneceu com Feliciano; Zezé que mantinha-se fiel a patroa má e Edilene, que recusou as ofertas de Otávio pelo sentimento que tinha por ele.

Considerações finais

Ao analisar as histórias nas três telenovelas, de forma geral, observamos que a construção das personagens, bem como, suas relações sociais reproduzem estereótipos de gênero, raça e classe,

naturalizando uma divisão sexual e racial do trabalho que é fruto de uma desigualdade estrutural entre homens e mulheres, especialmente em países com histórico de colonização como o Brasil.

A superioridade do rico sobre o pobre e do branco sobre o negro também é naturalizada e algumas vezes ridicularizada, perpetuando preconceitos existentes no seio da sociedade brasileira. A objetificação dos corpos das mulheres, vistos como disponíveis para o sexo ou para o trabalho é uma das maiores críticas aos papéis desempenhados pelas trabalhadoras domésticas.

A ausência de tematização a respeito de questões importantes e que poderiam assumir destaque nas tramas, é outra grave crítica às telenovelas, quando assumem pontualmente o caráter pedagógico em relação às empregadas.

As personagens são secundárias, destituídas de uma discussão mais profunda a respeito de suas posições na sociedade e identidades enquanto mulheres/negras, principalmente exercendo a função de trabalhadoras domésticas. A vida delas geralmente gira em torno da trama dos patrões e só ganham destaque quando há algum fato ligado à história dos patrões.

Quanto às relações de poder e de direitos, vê-se um avanço a respeito do cuidado com o qual as empregadas são tratadas: em 2012, com *Avenida Brasil*, as empregadas foram tratadas como seres inferiores, humilhadas e subalternizadas por sua patroa; em 2015, com *A Regra do Jogo*, Dinorah era tratada com respeito por seu patrão, apesar de pouco se discutir a relação contraditória de tensão e afeto entre eles; e em 2019, o tratamento dado aos empregados da casa também era respeitoso, levantando os direitos trabalhistas de maneira positiva em momentos pontuais, apesar de haver tensionamento na relação entre o patrão e a empregada.

Observamos que as telenovelas, apesar de possuírem o caráter de entretenimento, também deveriam assumir o papel crítico e pedagógico de trazer à tona questões pertinentes ao cotidiano da sociedade. No entanto, é necessário avançar muito nas discussões sobre o tratamento dispensado às empregadas domésticas nas telenovelas para que revelem os tensionamentos sem naturalizar ou reproduzir estereótipos, fomentando a reflexão e posterior, aprendizagem e transformação, principalmente após a aprovação de a Lei que amplia e equipara os direitos das trabalhadoras domésticas.

Referências Bibliográficas

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, 2015, 20.2: 27-55.

BORGES, Lenise. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. In: GROSSI, M.; UZIEL, A.; MELLO, L. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 363-384. 2007

BRITES, Jurema Gorski. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. **Cadernos de pesquisa**, 2013, 43.149: 422-451.

_____. **Afeto, desigualdade e rebeldia**: bastidores do serviço doméstico. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2000.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, 2003, 17.49: 117-133.

_____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo. Selo Negro, 2011.

DANTAS, Luísa Maria Silva. **As domésticas vão acabar?**: narrativas biográficas e o trabalho como duração e intersecção por meio de uma etnografia multi-situada: Belém/PA, Porto Alegre/RS e Salvador/BA. [Tese] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

FARIA, Maria Cristina; FERNANDES, Danubia. Representação da identidade negra na telenovela. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Agosto de 2007.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, 1984, 2.1: 223-244.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. **Lua Nova**, São Paulo, 82: 61-86, 2011.

HIRATA, Helena. Mulheres brasileiras: relações de classe, de “raça” e de gênero no mundo do trabalho. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, 2016, 26.

HOOKS, Bell. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South End Press, 1984

_____. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 16, 2015. 193-210.

LOPES, Maria. **Narrativas Televisivas e Identidade Nacional**: In :INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set, 2002.

MOTTER, M. L.; JAKUBASZKO, D. Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. **Comunicação & Educação**, v. 12, n. 1, p. 55-64, 30 abr. 2007.

OLIVEIRA, Dennis de; PAVAN, Maria Angela. Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”. **Revista RAÇA BRASIL**. n. 73, 2004.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. PNAD Contínua Trimestral do IBGE. Disponível em: <<https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang--pt/index.htm>>. Acesso em: 08 Nov 2019.

PALUDETTO, Diane. **Discursos da mídia sobre a legislação do trabalho doméstico no Brasil**. 2017. P. 380. [Tese] Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. 2017.

RONDELLI, Elizabeth. Realidade e ficção no discurso televisão. **Revista Letras**, Curitiba, 11.48, p 149-207. Editora da UFPR. 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo. Editora Moderna, 1987.